



## Jornalismo e estudos de recepção: possibilidades e desafios metodológicos

Graziela Soares Bianchi<sup>1</sup>  
Felipe Collar Berni<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Resumo:** O texto que segue preocupa-se em refletir o jornalismo na sua interface com os estudos de recepção, levantando possibilidades que os Estudos Culturais apresentam para a pesquisa jornalística. Os métodos e técnicas articulados buscam apresentar, de forma sistematizada, um percurso metodológico capaz de construir investigação em relação à recepção jornalística de determinados atores sociais. Assim, com necessidade de mobilizar uma metodologia que perceba os conflitos, as negociações e os consensos que estão em movimento na esfera social, o trabalho de campo apresenta-se como possibilidade de ingresso e desenvolvimento de tais articulações.

**Palavras-chave:** jornalismo; estudo de recepção; metodologia.

### 1. Provocações iniciais

“Faz sentido falar em estudos de recepção?” em um contexto de debate acerca das convergências e hipermediações, onde os sujeitos assumem, ao mesmo tempo, o posto de usuário, leitor, prosumidor ou receptor-ator, Grohmann (2013) busca fomentar perspectivas para esse debate. Assim, interessa tratar e reconhecer esses públicos como su-

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Docente no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Coordenadora do curso de Jornalismo da UEPG. E-mail: grazielabianchi@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: felipecollar@gmail.com

jeitos e compreender de que forma eles “reapropriam e negociam os sentidos do que ‘usam’ dos meios de comunicação, a partir de suas relações de comunicação” (GROHMANN, 2013, p. 73).

Nesse sentido, os esforços presentes nesse texto buscam contribuir na reflexão e sistematização de caminhos metodológicos para a realização de pesquisa em jornalismo atravessada pelos estudos de recepção. Quando buscamos os Estudos Culturais e seus desdobramentos é prudente reconhecer que a materialidade da pesquisa em jornalismo se dará a partir de suas interfaces. Escosteguy (2018, p. 102) salienta que “o enquadramento da interdisciplinaridade é imprescindível porque as problemáticas e perguntas sobre o cultural, construídas dentro deste campo, exigem mais do que um enfoque e/ou uma metodologia associados a uma disciplina específica”, estando inserido numa conjuntura maior e tendo a possibilidade de seus efeitos adentrarem em discussões internas e competentes a outros campos. O jornalismo imbricado aos Estudos Culturais - a partir de caráter integrador, holístico, contextual e conjuntural - tem nas pesquisas de recepção a possibilidade de analisar os conflitos, as negociações e os consensos que estão em constante tensão na esfera social. Isto posto, é possível ampliar a partir das mediações culturais a “compreensão dos processos comunicacionais, considerando suas multidimensionalidades constitutivas, suas complexidades e contradições” (BONIN, 2018, p. 60).

Optar pelos estudos de recepção é deslocar do foco da pesquisa o ideal quantitativo, caminhando no sentido contrário da lógica empregada a uma pesquisa de audiência, assumindo a tarefa de compreender como um determinado grupo constrói sentidos a partir daquele conteúdo veiculado pela mídia e, posteriormente, consumido. Esses sentidos, segundo Martín-Barbero (2015) são possíveis de serem observados e compreendidos a partir da cultura, ao passo que muitas dessas experiências são atravessadas por vivências mediadas por questões culturais, religiosas, etárias, étnicas, de gênero e de classe; manifestações estas que se tornam difíceis de serem percebidas num primeiro olhar, surgindo desse modo à necessidade de um aparato metodológico que dê conta de uma aproximação em busca de entendimentos.

Pensar metodologias nos leva a uma prudente necessidade de reconhecimento de dilemas e limites da pesquisa em jornalismo, com a finalidade de compreender e qualifi-

car esse campo, produzindo assim conhecimento sobre o próprio jornalismo (GADINI, 2005). Assim, fragilidades conceituais e metodológicas precisam ser superadas, conforme debate Gadini (2005, p. 9): “o fortalecimento de um campo social pressupõe a existência de conceitos específicos, a emergência e consolidação de uma tradição científica e de estratégias de pesquisa capazes de obter adesão e legitimidade pública diante de outros atores sociais”. A “importação” de proposições, conceitos e metodologias de outras áreas faz com que, em algumas situações, possa ser acentuada a fragilidade da construção de arcabouços teórico-metodológicos de pesquisa em jornalismo, porém isso não leva a desconsiderar percursos interdisciplinares, nem mesmo tratar as pesquisas jornalísticas de forma isolada e fechada, voltado apenas e estritamente às questões técnicas e operacionais do exercício do jornalista. Nesse sentido,

uma das poucas coisas que resta parece ser mesmo o objeto, uma vez que o problema da pesquisa acaba sendo formulado com base em conceitos oriundos de outros campos, que não o jornalismo. Daí porque é fundamental ter a interdisciplinaridade como uma referência (de diálogo com outros campos, aproximação e tensionamento) sem abandonar as características, marcas e referências que especificam o jornalismo. (GADINI, 2005, p. 8).

Na tentativa de mensurar características e desafios nas pesquisas que assumiram o propósito de estudar a recepção jornalística, buscou-se um panorama desses estudos em Programas de Pós-Graduação em Comunicação - considerando a década de 1990 até o tempo presente - a partir de sistematizações trazidas por Bianchi (2019).

Assim, buscamos suprir uma provocação feita por Martín-Barbero (1995, p.39-40): “a recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação. É um lugar novo, de onde vemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação”. Sendo um lugar novo, é prudente conhecê-lo.

## **2. Estudos Culturais e pesquisa de recepção: algumas percepções**

Caminhar ao encontro dos Estudos Culturais é reconhecer a interdisciplinaridade como prática fundamental para desvendar e conhecer problemáticas na qual a discussão cultural seja atravessada, ao passado que limitar a condução da pesquisa a uma reduzida perspectiva teórico-metodológica trará resultados que não se sustentam num contexto

sociocultural. Embora, trabalhar neste campo não necessariamente leva a crer e defender a cultura como resposta para todas as relações mundanas.

Um dos fatores que caracterizam os Estudos Culturais é o reconhecimento do protagonismo no sujeito e de suas práticas cotidianas nas produções de sentido a partir dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação, deslocando a lógica hegemônica nos estudos de comunicação que privilegiam a estrutura dos meios e o determinismo tecnológico e textual. “É a recepção ou a valorização da capacidade dos receptores populares em produzir sentidos diferentes aos priorizados pela cultura hegemônica que desponta como a problemática que vai viabilizar esse deslocamento.” (ESCOSTEGUY, 2018, p. 106). Ao retomar a experiência popular, Martín-Barbero busca:

mudar o eixo de análise e seu ponto de partida. O resgate dos modos de resposta do dominado modificava o processo de decodificação do campo da comunicação, com seus canais, seus meios e suas mensagens, para o campo da cultura, ou melhor, dos conflitos que a cultura articula, os conflitos entre culturas e a hegemonia. (MARTÍN-BARBERO, 1986, p. 42 apud ESCOSTEGUY, 2018, p. 106).

Nesse sentido, a compreensão dos processos comunicacionais não deve ser reduzida ao entendimento dos meios, muitas vezes ancorados nas ideias funcionalistas. Ao mesmo tempo, as análises não podem ficar simplesmente nos discursos veiculados por estes canais. Daí surge a ideia de mediação proposta por Martín-Barbero, na tentativa de superar os entendimentos reducionistas e avançar na compreensão dos processos comunicacionais a partir das suas multidimensionalidades, complexidades e contradições.

Dentro dessa perspectiva, os estudos de recepção se apresentam como possibilidade de compreensão dos sentidos construídos por um determinado grupo a partir do que a eles são transmitidos pelos veículos de comunicação. É fundamental compreender a recepção como uma das etapas constitutivas do processo comunicacional interligada com as demais: produção e circulação.

O consumo não é o final, a produção não é o início. É um circuito, ou seja, as mercadorias estão em circulação, como os discursos, como a comunicação: “produção” e “consumo” não são categorias estanques e não podem ser entendidas separadamente, unilateralmente, como fazem outras teorias, pois as “coisas” mudam de posição. (GROHMANN, 20113, p. 73).

Convergindo com essa compreensão, Escosteguy (2007) tenciona os circuitos de cultura e os de comunicação, a partir das bases propostas por Stuart Hall e Martín-Barbero. Trata-se de um circuito que envolve circulação, produção e consumo. Nesse sentido, é possível visualizar a recepção como parte de em um processo, ou seja, se constitui como um momento dentro da totalidade do processo comunicacional. Grohmann entende o discurso como partida para a realização do circuito, ao passo que “para haver ‘consumo’ é preciso que os sentidos destes discursos sejam apreendidos. O conteúdo é ressignificado, pois só há ‘consumo’ quando o sentido é apreendido, quando ele existe para ‘nós’, pois comunicação é produção de sentido” (GROHMANN, 2013, p. 73-74).

Logo, é prudente partir para um entendimento que culmina na valorização da capacidade do sujeito em produzir sentidos para com aquela informação recebida, abandonando dessa maneira uma compreensão que norteou as ideias hipodérmicas que colocavam o receptor como fim e nada mais dentro esse processo. Pensando na totalidade do processo dos modelos comunicativos, Ronsini (2010) adverte para com a ideia de totalidade também na recepção que:

consiste em considerar os textos, suas leituras e modos de vê-los para compreender, concretamente, a reprodução e a contestação do poder político e econômico (organizado no capitalismo pelo poder exercido pelas classes dominantes) a partir das relações sociais e culturais nas quais os receptores estão inseridos. (RONSINI, 2010, p. 13).

Provocado nesse sentido, buscando pistas para a realização de pesquisa em recepção, Martín-Barbero (2015) nos apresenta algumas preocupações para o desenvolvimento do estudo. A contextualização, pensada como fator preponderante para os processos comunicacionais a partir de suas dimensões socioculturais, políticas, históricas e econômicas, ao passo que esses processos constituem e são constituídos destes contextos, reconhece a recepção, atrelada às demais etapas, ao tempo que pensa seus vínculos com a ordem social. O sujeito, por carregar vivência multidimensional e multicontextual, leva consigo esses múltiplos contextos, experiências, culturas e vivências na produção de significação. Bonin (2018a, p. 63) alerta para a compreensão de que “eles são concebidos como sujeitos também produtores de significações, portanto de comunica-

ção, ainda que desigual ou assimetricamente situados nos processos comunicacionais midiáticos”. Por fim, estar atento para reconhecer os sentidos produzidos na recepção, uma vez que são complexos, ao apresentar afinidades, rupturas, contradições, apropriação e até subversões em relação aos conteúdos midiáticos.

### **3. Panorama e desafios da pesquisa em recepção jornalística**

“Não é equivocado dizer que, pelo menos em alguma parte, a própria crise do jornalismo se alimenta de um desconhecimento a respeito de seus públicos” (BIANCHI, 2019, p. 333). Nesse sentido, o desafio vem em contribuir no fomento de pesquisas do campo, que por hora privilegiam os processos de produção, circulação, gestão, política e financiamento, que tem suas preocupações voltadas em compreender o comportamento, hábitos, anseios e especificidades dos públicos. Entender esse público não como números de audiência se mostra como uma das compreensões chave para pensar a interface jornalismo e recepção: a de não buscar quantificar os estudos nos moldes de uma pesquisa de medição ou verificação de audiência e sim, o oposto. “Os então nomeados estudos de recepção estariam ocupados em trazer e tratar questões evidenciadas a partir de um olhar que privilegia os espaços e atuações daqueles/para aqueles a quem se destinam as produções comunicacionais, sejam elas de que natureza forem” (BIANCHI, 2019, p. 321).

Nesse sentido, procura-se compreender como um determinado grupo constrói sentidos a partir daqueles conteúdos veiculados pelos meios de comunicação e consumidos pelos sujeitos, que muitas vezes têm essas experiências atravessadas por vivências mediadas através de questões culturais, religiosas, etárias, étnicas, de gênero e de classe; manifestações estas que se tornam difíceis de serem percebidas num primeiro olhar. Desse modo é necessária a identificação de um aparato metodológico que dê conta de uma aproximação em busca de entendimentos. É a partir da cultura, segundo Martín-Barbero (2015) onde encontramos uma entrada para realizar esse exercício de observação e compreensão dos sentidos produzidos.

Bianchi (2019) traz em suas observações o apontamento acerca de diversos mapas de investigações sobre recepção jornalística, construídos por distintos autores e autoras desse campo de estudos, o que nos possibilita compreender a configuração de um

determinado panorama. O cenário escasso encontrado na década de 1990, com o total de duas dissertações, avança nos anos 2000 para 54 trabalhos (10 teses e 44 dissertações). Considerando o volume de pesquisas realizadas até a metade da década de 2010, nota-se a continuidade do crescimento com 46 trabalhos desenvolvidos (três teses e 43 dissertações).

Observando os meios pelos quais a recepção jornalística ocorre, a televisão aparece como o meio que engloba o maior número de estudos, seguido pela internet. Também é possível visualizar o perfil de recepção que as pesquisas têm se dedicado a estudar: Mulheres e Jovens, seguidos por Mulheres e Homens e Família (BIANCHI, 2019, p. 323).

Nota-se, apesar dos avanços numéricos que as pesquisas de recepção jornalística se encontram em uma fase preambular. O desafio a partir de agora é englobar situações jornalísticas cada vez mais complexas a se investigar o lugar do público do jornalismo. Cabe, portanto, pensar caminhos e recursos para a investigação.

#### **4. Perspectivas metodológicas**

Antes de esmiuçar possibilidades metodológicas para pesquisas em recepção jornalística é fundamental ponderar alguns entendimentos para a realização de uma investigação. O trato para com os recursos metodológicos no processo de desenvolvimento da pesquisa merece atenção do pesquisador, ao passo que as definições e escolhas das técnicas para a exploração devem emergir a partir do contato com o objeto a ser construído um percurso que faça sentido à realidade daquele objeto e que seja capaz de contribuir no desfecho da problemática de pesquisa. Neste sentido, Bourdieu (2002) reitera a indissociação entre método e prática, uma vez que seria errado pensarmos metodologia separada do objeto de pesquisa, ou seja, algum método que se apresente a priori ao objeto e que não necessite de apoio em outras correntes metodológicas.

A pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina – e das disciplinas vizinhas: etnologia, economia, história. Apete-

cia-me dizer: “É proibido proibir” ou “Livrai-vos dos cães de guarda metodológicos” (BOURDIEU, 2002, p.26).

Essa liberdade metodológica não se pode confundir com a espécie de “valeduto”. A rigorosidade na construção do objeto deve levar em conta influências possíveis e cabíveis. Isto leva à vigilância, que como Bourdieu aponta, significaria identificar no cientista e no campo científico características internas e competentes que possam aparecer no resultado da pesquisa. Portanto, a metodologia é uma porta de entrada para refletir sobre forças e embates que englobam as disputas nos campos sociais, sejam no acúmulo de autoridade científica e de capital científico, já que, o campo é uma construção que vai acompanhar as opções práticas da pesquisa.

Quando preocupada com recursos e técnicas metodológicas para a pesquisa em recepção, Bonin (2018a) alerta para o cuidado em construir percursos metodológicos em perspectivas complexas, que levem em consideração o contexto e realidade dos sujeitos de pesquisas. Outra preocupação vem do Método do Abstrato ao Concreto, na compreensão da dialética como um “conjunto de princípios que orientam a compreensão da realidade, como um modo para apreensão da mesma - fluente e contraditória -, como um método científico para explicar essa realidade” (MUNHOZ, 2006, p. 26). Tal entendimento busca superar o ideal positivista do paradigma dominante, ou seja, seu binarismo, sua quantificação, que leva a uma redução da complexidade do mundo, a partir da divisão e categorização sistemática.

Antes da estruturação e ação do trabalho de campo, Bonin (2018b) chama atenção para a necessidade de realização de pesquisa exploratória, ao passo que esses movimentos exploratórios se apresentam como práticas metodológicas cruciais para nutrir e fomentar as pesquisas em diferentes âmbitos e

colaboram para desestruturar concepções prontas sobre os fenômenos; para gerar e estimular a produção e a experimentação de pensamentos produtivos e originais para sua compreensão; para vivenciar, questionar e experimentar métodos, operações e procedimentos investigativos” (BONIN, 2018b, p. 18).

À vista disso, a partir das pistas e constatações fomentadas na pesquisa exploratória pode-se chegar a um nível de amadurecimento e materialização dos desenhos investigativos concretos para a pesquisa em recepção.



Dessa maneira, pensar estudos de recepção nos provoca explorar as potencialidades do trabalho de campo e os potenciais da pesquisa qualitativa, mas não necessariamente nos leva a abandonar os moldes quantitativos da pesquisa de audiência, uma vez que é a partir da quantificação que conhecemos possibilidades de investigação de perfis, espaços, mediações, grupos e atores. Quantificar ajuda-nos a conhecer o objeto de pesquisa e quais rumos tomar para compreender sentidos e apropriações resultantes do consumo jornalístico de nossos pesquisados. Por sua vez, avançar na construção de uma abordagem qualitativa impulsiona a compreensão de especificidades e detalhes que escapam ao tato de uma metodologia metodicamente conduzida (BECKER, 1997). Com esse entendimento, Becker (1997) tece reflexões que creditam conclusões derivadas deste método.

Importante ressaltar a lógica do rigor e da precisão metódica - fomentada pelas especificidades da pesquisa nas ciências exatas e naturais - que se manifesta de outra forma nas humanidades e traz preocupações oportunas daquele campo para os trabalhos particulares das ciências humanas e sociais. Após entrar na vida do nosso sujeito pesquisado, acompanhar e participar da sua rotina; conversar, investigar, registrar, sistematizar, avaliar e concluir a possibilidade de caracterizações distintas de objetos semelhantes tornam-se ações que perturbam o ideal de pesquisa moldada no paradigma experimental. Becker (1997) atenta para o fato de que a simples adoção de teorias e metodologias diferentes levará o pesquisador a observar coisas diferentes e, conseqüentemente, deparar-se com respostas distintas; ou seja, demonstra que o observador está investigando coisas diferentes. Por sua presença contínua, há ao mesmo tempo o sacrifício de ideias e hipóteses que lhes eram claras diante do fato coletado em campo, como também há condições de realizar mais testes de sua hipótese, principalmente comparados os pesquisadores com métodos formais. Becker (1997) também explícita restrições e cuidados para o desenvolvimento do trabalho de campo, principalmente visualizando o papel do pesquisador no processo de coleta. Há um esforço por parte dos sujeitos pesquisados em buscar “ajudar o cientista”, o que leva esses atores a fazerem coisas que de outro modo não fariam a partir da dúvida do que “se espera” que eles façam. Convencer as pessoas de que o pesquisador não é importante naquela relação, os leva à liberdade de reação e

de ação. Ao passo contrário, seguirão as pistas que lhe se são dadas do que precisa ser dito ou mostrado.

Pensando na riqueza dos dados colhidos em campo, é a partir das especificidades que se tem um detalhamento em relação aos eventos estudados. O período prolongado de tempo, em uma variedade de situações e a partir de diferentes maneiras de chegar a questão, leva à redução do perigo do *bias*<sup>3</sup> nas constatações. As observações numerosas, segundo Becker (1997, p.86) “nos convencem de que nossa conclusão não está baseada em algumas expressões momentâneas e passageiras, sujeitas a circunstâncias efêmeras e incomuns”. A flexibilidade nos procedimentos de coleta nos leva a utilizar inúmeros processos e técnicas, em ambientes e circunstâncias diversas: cruzamento de conclusões; utilização de medidas não convencionais sugeridas pela experiência na situação; o uso da própria experiência como evidência; além do uso de “estilos agressivos e ardilosos para provocação a ponto de fazer com que eles digam coisas que de outro modo guardariam para si”. (BECKER, 1997, p. 91)

Nesse contexto, pensando nas potencialidades da entrevista, Kaufmann (2013) defende a entrevista compreensiva como estratégica para o trabalho de campo, não apenas como método para a construção de um roteiro de perguntas, mas visualiza a sociabilidade entre pesquisador e pesquisado como premissa para a realização de uma entrevista bem-sucedida. Assim, compreende o pesquisador como um “artesão intelectual”, capaz de dominar e personalizar métodos e técnicas, em um projeto concreto de pesquisa. Ao questionar o uso de questionamentos padrão nas entrevistas, tensiona a eficácia da entrevista impessoal, ao passo que entende que a “não personalização das perguntas ecoa a não personalização das respostas” (KAUFMANN, 2013, p. 39), assim, compete ao entrevistador estar envolvido no diálogo para provocar o envolvimento do entrevistado. Quanto à materialização e transformação dos dados colhidos, Kaufmann (2013) adverte que a compressão do sujeito entrevistado é apenas um instrumento, já o trabalho e o objetivo do pesquisador é a explicação compreensiva do social.

---

<sup>3</sup> Becker (1997) entende como necessária a explicitação de todos os passos da pesquisa para evitar o *bias* do pesquisador, uma vez que, recusa a suposta neutralidade do pesquisador e propõem que tenham consciência da interferência de seus valores na seleção e no encaminhamento do problema estudado. Resta reconhecer o *bias* para poder prevenir sua interferência nas conclusões.

Para se pensar recepção é fundamental compreender as trajetórias de constituição comunicacional e midiática de sujeitos, de suas culturas e subjetividades. Neste sentido, Bonin (2018) enxerga na técnica de pesquisa a partir da história oral uma porta de entrada para elucidar essas condicionantes, uma vez que nos fornece uma visão subjetiva dos processos, além do detalhamento. Assim, é importante entendê-la e exercitá-la como uma etapa do processo de pesquisa, o que pressupõem necessariamente o cruzamento com outras bases teóricas e metodológicas (RIBEIRO, 2015). Pela oralidade, somos postos em contato com dados que extrapolam a materialidade encontrada em arquivos; conhecemos informações a partir das narrativas de quem viveu; assim, segundo Ribeiro (2015, p.75), “mais importante que o factual, é o significado que ele adquire para quem lembra” - objeto central para os estudos de recepção, além da lógica mobilizada nos processos de construção dos relatos e da memória, a dinâmica do ocultamento, da valorização, das experiências, das relações e mediações. Atravessada pela compreensão do mosaico científico, a história oral nos ajuda na compreensão social, cultural, econômica, estética, política de um determinado tempo e contexto.

É importante chamar atenção para o fato de que se a história oral é uma metodologia que produz (ou fabrica) um conjunto de fontes pode servir como referência para os mais diversos trabalhos sobre a história da mídia e do jornalismo. A pesquisa, neste caso, não se caracteriza pela coleta de dados ou informações guardadas ou acumuladas por um terceiro (indivíduo, grupo ou instituição). Pressupõe o ato criador dessa fonte pelo próprio pesquisador. (RIBEIRO, 2015, p. 75).

Dentro dessa perspectiva metodológica, a história de vida, no entendimento de Ribeiro (2015) se apresenta como técnica que muito pode contribuir para os estudos de comunicação e, de maneira particular, para os de jornalismo. Becker (1997), ao defender a história de vida como mosaico científico, lembra a possibilidade de coleta de materiais úteis para a formulação de uma constatação mais geral, com cada parte contribuindo para a compreensão de um todo. Tendo o cuidado de reconhecer que a história de vida não propicia por si só a prova definitiva de uma proposição, ela pode dar pistas de entrada para a compreensão ou até mesmo sinais de abandono em relação à teoria que não se sustenta. A partir dela se forma “uma visão do lado subjetivo de processos institucionais” (BECKER, 1997, p. 108) e reitera:

A história de vida, se bem feita, nos fornecerá os detalhes desse processo cujo caráter, de outro modo, só seríamos capazes de especular, do processo ao qual nossos dados devem se referir em última análise, se quisermos que tenham valor teórico e não somente operacional e de vaticino. Ela descreverá aqueles episódios interativos cruciais nos quais novas fronteiras de atividade individual e coletiva são forjados, nos quais nossos aspectos do eu são trazidos à existência. (BECKER, 1997, p. 110).

É fundamental considerar essa trajetória a partir das conjunturas políticas, socioeconômicas e culturais nas quais está inserida. Ribeiro (2015) defende a metodologia cruzada a partir de três níveis de contextualização - individual, institucional e macrosocial - considerando o esforço do pesquisador em compreender o enquadramento da memória realizado pelo entrevistado, ou seja, em visualizar as “lógicas mobilizadas nos processos de construção dos relatos e o significado que o passado adquire para quem lembra” (RIBEIRO, 2015, p. 87).

Outra possibilidade técnica também pode ser empregada, a depender da problemática da pesquisa e de seus objetivos: o grupo focal. Esta metodologia apresenta a vantagem de perceber e analisar a interação entre os pesquisados e de que forma os processos de negociação se constroem a partir de discussões; como uma entrevista coletiva não estruturada provoca o debate entre os participantes, apoiado em disputas e consensos daquele grupo, assim, “a maior busca é a de compreender e não inferir nem generalizar” (COSTA, 2011, p. 181). Nesse sentido, Grohmann (2013) compreende os grupos focais em decorrência do seu auxílio em sistematizar as interações dos sujeitos e analisar como se dá às relações de comunicação entre eles, ou seja, o pesquisador deve valorizar e privilegiar não uma fala isolada e individual, mas sim como as relações entre os participantes se manifestam: “é a comunicação como produção de sentido em um ambiente coletivo que justifica a utilização desta técnica de pesquisa para o estudo de recepção” (GROHMANN, 2013, p. 77). Costa (2011) entende essa técnica como capaz de refletir o essencial, portanto, os valores, sentidos, princípios e motivações que atravessam os julgamentos e percepções das pessoas.

Portanto, se torna importante pensar entradas metodológicas para a pesquisa em recepção levando em consideração a necessidade do manuseio de técnicas que ajudem a compreender o sujeito - dando margem para a coleta das especificidades e sentidos ma-

nifestados por ele - e que sejam capazes de valorizar e compreender a presença do contexto e das mediações existentes naquela realidade junto das apropriações e entendimentos do sujeito pesquisado. As técnicas e preocupações apresentadas aqui se manifestam como uma possível entrada para coleta de especificidades dos sujeitos.

## 5. Considerações finais

O que se buscou nessa reflexão foi tensionar percepções que são caras para a realização de pesquisa de recepção. Nesse percurso, foi levado em conta técnicas que valorizam os sujeitos e sua produção de sentidos e significações para o estudo de recepção, tendo o entendimento de que são eles o “alicerce do campo da comunicação, para além das noções de ‘emissor’ e ‘receptor’, pois os ‘sentidos da recepção’ não se dão somente no ‘contato midiático’, mas na vida cotidiana, considerando as circulações e os ‘significados nômades’” (GROHMANN, 2013, P. 74). Isso posto, as técnicas aqui apresentadas surgem como possibilidades metodológicas a partir das reflexões a respeito do trabalho de campo e suas implicações dentro do estudo de recepção, valorizando a capacidade do sujeito de apropriação dos conteúdos veiculados pelos programas jornalísticos para sua realidade e suas interações.

Pensando estrategicamente, é importante ter consciência de que o percurso metodológico não dará conta de abarcar toda a realidade ali exposta, ou seja, o que são colhidos nesse processo são dados/informações construídos e parciais, ao passo que as técnicas de pesquisa são limitadas, trazendo aspectos favoráveis e desfavoráveis, daí a defesa da construção de um alicerce teórico-metodológico que dê conta de sustentar a reflexão.

Entender em que pé se encontram as pesquisas de recepção no país traz reflexões de caminhos a seguir e nos ajuda a visualizar lacunas, fragilidades e potencialidades de se pensar metodologicamente a recepção jornalística. Pensando o jornalismo, seu produto e importância social que ambos possuem a partir do seu objetivo de publicitar e levar ao conhecimento público uma parcela da realidade social - consequentemente produzindo uma imagem social e histórica impactando as relações e sociabilidade dos sujeitos; Gadini provoca a necessidade de “pensar em estratégias metodológicas capazes de nor-

tear e, acima de tudo, desafiar outros estudos em torno da produção e do campo jornalístico” (GADINI, 2005, s/p).

A qualidade e o potencial do trabalho de campo são reiterados por Becker (1997), onde explicita a confiabilidade nas evidências produzidas via trabalho de campo, a partir das múltiplas observações, da variedade de dados que o pesquisador pode manusear. Munhoz (2006), quando focada em discutir a singularidade dos fenômenos, nos ajuda a aproximar da realidade e objetivos da pesquisa em recepção, ao passo que, por se tratar de materialidades e contextos específicos, a partir de sua característica dialética, com possibilidade de registro de disputas, embates, consensos, mediações, sentidos, o pesquisador tem de ter consciência que o

processo de desvelamento da realidade não pode autorizar o estudioso a transformar seus resultados numa representação abstrata, num conceito fixo, a partir do que poderia pretender deduzir a essência de outras realidades particulares/singulares semelhantes, do mesmo gênero (MUNHOZ, 2006, p. 29).

Portanto, cabe aos estudos de recepção construir um arcabouço teórico-metodológico que privilegie e valorize contextualização, da compreensão de sentidos, mediações, apropriações que por ventura os sujeitos possam construir a partir do consumo jornalístico, para produzir conhecimento que seja pertinente, sólido e que ajude o campo a atuar desde a produção até o consumo e ressignificação da notícia junto aos seus públicos.

## Referências

BECKER, Howard. **Métodos da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BIANCHI, Graziela Soares. Recepção jornalística: relações e perspectivas. **Revista Observatório**, Palmas, v. 5, n. 3, p.317-334, maio. 2019.

BONIN, Jiani Adriana. Dos meios às mediações: chaves epistêmicas, teóricas e metodológicas legadas à pesquisa de recepção. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p.59-73, set/dez. 2018a.

\_\_\_\_\_. Processos e percursos de construção de pesquisas em recepção: algumas reflexões epistêmico-metodológicas. **CONEXÃO: COMUNICAÇÃO E CULTURA**, Dossiê, p. 47-65, 2018b.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma Sociologia Reflexiva. In: \_\_\_\_\_. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p.17-58.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 180-192.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 62-83.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 115-135, nov. 2007.

\_\_\_\_\_. Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: mais afinidades do que disputas. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 1, p.99-113, jan/abr. 2018.

GADINI, Sergio L. “Dilemas da Pesquisa no Jornalismo Contemporâneo”. Da abrangência midiática à ausência de métodos específicos de investigação. III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/16mYsGBrbNV6s5B9szocUdhbvY31zJZB5/view>>. Acesso em 15 set. 2019.

GROHMANN, Rafael. Estudo de recepção com jornalistas: reflexões metodológicas. **Parágrafo**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.71-82, jan/jun. 2013.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: Mauro Wilton de Souza. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 39-68.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015.

MUNHOZ, Divanir. Entre a universalidade da teoria e a singularidade dos fenômenos: enfrentando o desafio de conhecer a realidade. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 26-40, 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. **Contracampo**, Niterói, v. 32, n. 2, p. 73-90, abr./jul. 2015.

RONSINI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). **XXI Compós**. Rio de Janeiro, 2010.